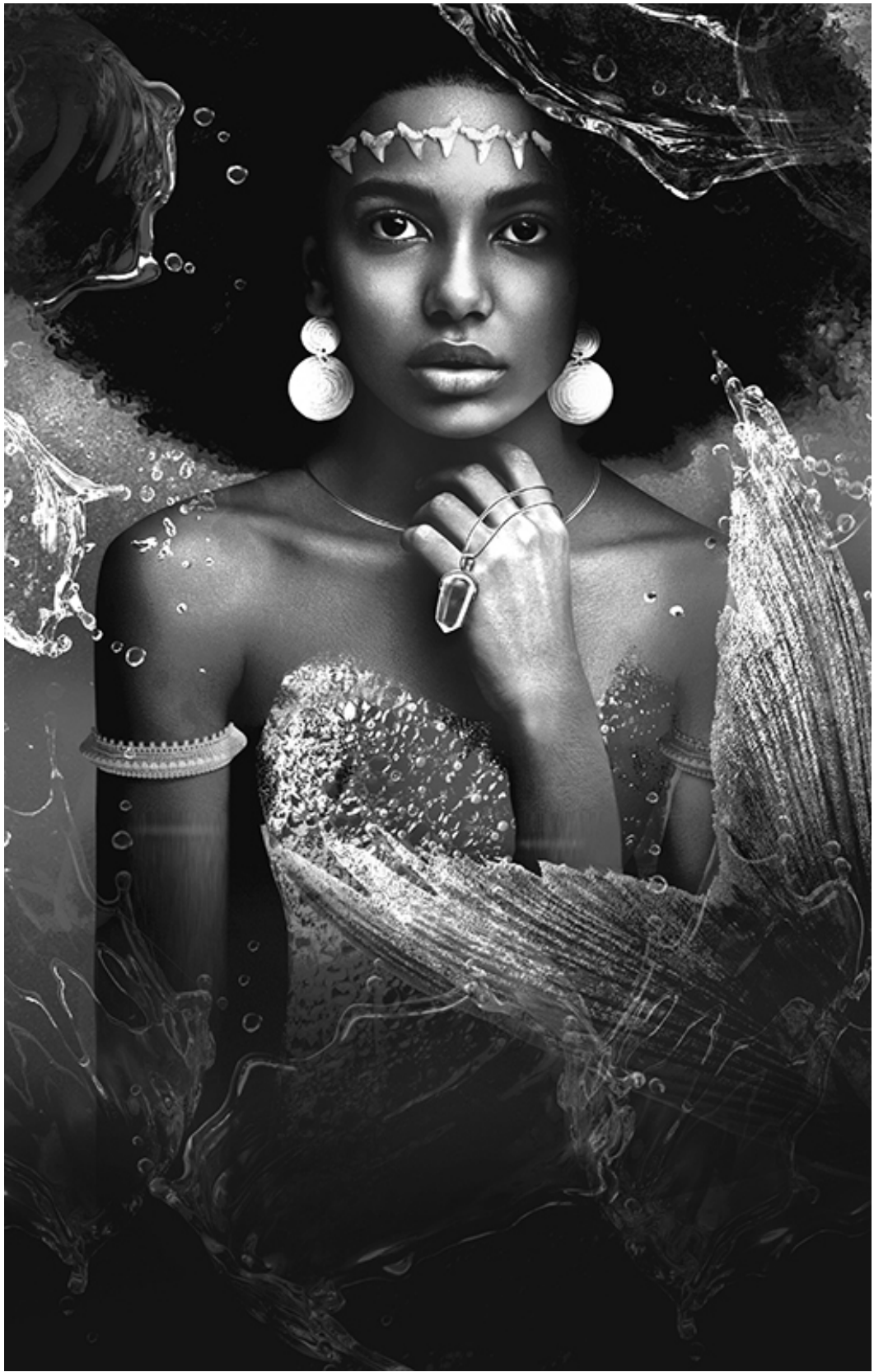




NATASHA BOWEN

LA
ALMA
DO
OCEAÑO

Alt



A ALMA DO OCEANO

NATASHA BOWEN

Tradução
**Solaine Chioro e
Karine Ribeiro**





© Mark J. Elias

NATASHA BOWEN é escritora, professora e mãe de três crianças. Ela tem ascendência nigeriana e galesa e mora em Cambridge, Inglaterra, onde cresceu. Natasha se formou em língua inglesa e escrita criativa na Bath Spa University antes de se mudar para o leste de Londres, onde lecionou por quase dez anos. Seu romance de estreia foi inspirado em sua paixão por sereias e história africana. Ela é obcecada por itens de papelaria japoneses e alemães e gasta uma quantia ridícula em cadernos, que depois mostra em seu Instagram secreto. Quando não está escrevendo, ela lê enquanto é observada com atenção por Milk e Honey, seu gato e cachorro.

SUMÁRIO

[Pular sumário \[» » \]](#).

[Dedicatória](#)

[Nota](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Nota da Autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

Para meus filhos, que me inspiram de formas que nem imaginam.

NOTA

Antes de começar a ler, por favor, esteja ciente de que partes deste livro podem ser gatilhos para alguns leitores. *A alma do oceano* mistura a história do século xv com fantasia, retratando cenas de violência, escravidão e mortes.

CAPÍTULO 1

Os ossos estão enterrados bem fundo, o branco contrastando com o veludo da água escura. Estremeço com a pressão fria do mar enquanto nado sob uma caixa torácica gigante. O calafrio havia dominado meu interior, se aninhando na boca do meu estômago, se aconchegando na promessa que fiz a Olocum. A promessa que preciso manter, mesmo que tinja meus dias de tons de meia-noite, de pesar. Às vezes, me permito pensar no sol, nos tons perfeitos de rosa e laranja que emanam dele, no fogo que arde quando ele se põe. Mas então, como sempre, minha mente vai até Kola e o calor da pele dele, seu sorriso, o jeito como um toque consegue me deixar sem fôlego.

Minha escolha.

Meu sacrifício.

Pisco algumas vezes para afastar os cachos dos meus olhos, tentando me livrar de pensamentos que apenas tornam a água escura mais difícil de suportar. Liberte-se deles, digo para mim mesma. Liberte-se do que não pode ter e aceite o presente.

Seguro o vaso de terracota que encontrei na areia, uma oferenda lá de cima que chegara até aqui embaixo, nas profundezas. Pelo menos conseguirei levar uma evidência de que *alguém* ainda idolatra Olocum. Balanço as barbatanas da minha cauda, com as escamas douradas e de brilho avermelhado pouco visíveis, e passo lentamente por baixo do último dos esqueletos, os arcos de marfim despontando no lodo.

Quando emergo dos ossos, paro por um momento na água, que está cada vez mais quente. O calor é um bálsamo, e eu dou um rodopio na corrente macia e morna, quase sorrindo pelo alívio que isso traz. Quase.

Mais adiante, na outra ponta do recife de corais, a terra está dividida, emitindo gases quentes que borbulham no mar. Um brilho azul se espalha pela minha pele enquanto me aproximo de uma grande abertura esculpida

e iluminada por uma lula vaga-lume. Pequenos vazamentos de gases fazem a água reluzir e cintilar, redemoinhos frenéticos que se afastam, emoldurando a entrada do coral. A lula ilumina um arco decorado por musgo-marinho e salpicado por moluscos.

Engulo em seco com dificuldade. A luz difusa machuca meu coração com sua beleza sutil, mas isso nem se compara ao que desejo. Seis meses sem o calor escaldante do sol e já sinto dificuldade de imaginar a sensação do suor escorrendo pela minha pele quente. Eu quero ar, mesmo não precisando dele, mesmo quando ele está denso por conta de uma tempestade que se aproxima ou cortante pelo frio da noite. Quero ver as estrelas de novo, com seus clarões dispersos perfurando o céu. Quero sentir a terra sob meus pés, o solo escuro e rico que vira uma lama macia quando a chuva chega.

Boiando perto da entrada, passo um dedo pelo entalhe de peixes, baleias e dos cumes no fundo do mar. A última imagem tem escamas, cachos e o indício da beleza de Iemanjá. Minha criadora, minha segunda mãe, a mais graciosa dos orixás. Uma tristeza se agita dentro de mim, mas não deixo que ela se instale. Em vez disso, me concentro na segurança de Iemanjá, de Folasade e das outras Mami Wata, cumprindo a tarefa de recolher as almas daqueles que morrem no mar. Se eu não tivesse pedido a ajuda de Olocum, a ruptura do mundo teria se partido por completo.

Eu estou aqui para que elas possam ficar em segurança. E esse é o preço que devo pagar.

Toco a safira no meu pescoço, seu azul frio mais brilhante do que as rochas ao meu redor. Penso nas almas abençoadas por Iemanjá, honrando suas jornadas para casa até Olodumarê. Um serviço diferente daquele que agora Olocum exige de mim.

Mas eu fiz as escolhas corretas, e isso não muda o que precisa ser feito. Aperto o vaso com mais força e deslizo pelos gases, com o queixo erguido e os ombros para trás. Mais água morna flui ao meu redor quando atravesso o arco, onde encontro correntes geladas assim que subo por um túnel que se estende na minha frente. Não há nenhuma lula vaga-lume aqui.

Meu coração está acelerado, e coloco minha mão fria sobre o peito. Esse trecho me apavorava antigamente, mas, depois de meses fazendo esse trajeto, consigo nadar pela passagem com fé. Ainda sinto o medo serpenteando por saber o que me espera, entretanto. Escorrego pela

escuridão, minha pele roçando nas laterais pretas e lisas enquanto vou na direção da parca luz ao longe.

As rochas se abrem formando um espaço circular. Centenas de lulas vaga-lumes enormes estão penduradas nas paredes do coral, o brilho refletindo nos interiores iridescentes das conchas abertas que estão pregadas entre elas. O musgo cresce em abundância por aqui, seus arcos grossos e resplandecentes tomando conta das paredes. Estreito os olhos diante do clarão repentino da luz ofuscante.

Permito que uma corrente me empurre mais para dentro e aperto a oferenda contra o peito, me permitindo olhar para o teto salpicado por mais musgo, seu rastro pulsando com suaves luzes brancas.

— Vejo que decidiu me agradecer com sua presença. — A voz rouca escoo do fundo do salão, até onde a luz alcança.

Sinto uma pontada de orgulho por não me encolher.

Um lampejo de um olhar metálico, e então Olocum se inclina para a frente, com um sorriso no canto dos lábios. Nado em direção à escuridão até conseguir distinguir a curvatura da grande cauda do orixá enrolada sob ele. Olocum está sentado em um trono de coral preto, apoiando as mãos nos braços do assento. Ele balança seu abedê para frente e para trás, o leque prateado criando ondulações na água. As sombras escondem os grandes músculos do corpo de Olocum, mas seus olhos cintilam em um rosto de ângulos distintos. Uma grossa corrente dourada envolve sua cintura, a ponta se esticando até sumir no próprio mar.

— Ainda não é a hora — respondo, as palavras escorregadias como as pedras que nos cercam.

Sinto o vaso frio em meus braços, e aperto as alças com firmeza, cerrando os dentes com tanta força que minha mandíbula dói. Quero lembrar ao orixá do que abri mão para estar aqui, mas me seguro.

Colocando o recipiente diante de Olocum, toco o leito do mar com as pontas dos dedos e a testa, em sinal de respeito, antes de me afastar. A capa do orixá desce pela areia e pelas pedras, com pérolas negras bulbosas e brilhantes.

Olocum dá uma olhada no vaso de argila, tocando a covinha de seu queixo com o dedo.

— O que é isso?

— Uma oferenda — digo, minhas mãos pairando sobre o objeto. — Devo abrir?

— Deixe comigo.

A água se move, me balançando suavemente quando o orixá dispara para a frente e pega o vaso.

Olocum arranca a tampa e coloca a mão lá dentro, pegando um pedaço grande de tecido encerado e o desembrulhando lentamente. O interior esbranquiçado de um inhame cru aparece. O sorriso do orixá desaparece enquanto ele cobre o vegetal descascado e o coloca de novo dentro do vaso.

— Outro lembrete daqueles que te idolatram — digo, a minha irritação fazendo os cantos do lábio inferior dele se curvarem.

Sei o que ele está pensando: que nunca será capaz de saborear um iyan estando tão fundo no mar. Nunca será capaz de mergulhá-lo em egusi, afundar os pés na terra quente, bebericar vinho de palma entre uma mordida e outra. Ele encontra algo faltando em cada oferenda que trago.

Olocum empurra o vaso contra a parede junto com os outros, e a corrente dourada em sua cintura chocalha, os elos tilintando contra o trono. Ele afasta o olhar dos tributos que passo dias procurando, franzindo a testa.

— Não está satisfeito? — Minha voz vacila, a pergunta sendo disparada antes de eu poder reprimi-la.

O orixá não responde, mas desta vez chuta o vaso, fazendo com que se choque contra a pedra, se estraçalhando em pedaços. Eu recuo, dando boas-vindas à chegada da minha raiva, usando-a para manter a maior parte do meu medo afastada.

— Não é o bastante. Você deveria estar me trazendo mais. Encontre mais! — urra Olocum enquanto se ergue do trono, alto, envolto em seu brilho e escuridão. Não digo nada, e ele senta de novo, tocando cada ponta afiada de seu abedê. — Não exijo muito de você. Procurar tributos, me fazer companhia às vezes e supervisionar os mortos. São coisas insignificantes.

Meu peito inunda de raiva. Penso nas horas que passo varrendo o leito do mar até meus dedos ficarem dormentes, no alívio quando encontro algo, nos dias que temo voltar de mãos vazias. Das vezes em que as lembranças de Kola me fazem afundar para a parte mais escura da água, deixando as

correntes congelantes lavarem minhas lágrimas, quando a saudade dele dói tanto que queima.

— Você nunca ficará satisfeito! — As palavras lutam para sair da minha garganta, e não consigo segurá-las. — Tem amargura demais em seu coração. O povo não tem culpa por você estar acorrentado aqui, e com certeza eu também não tenho!

Olocum fica imóvel, seu abedê no alto. Ele avança uma, duas vezes pela água, e então olha diretamente para mim, o músculo de sua mandíbula tremendo.

— Se eu tivesse recebido o respeito apropriado desde o começo, não estaria preso aqui embaixo.

— Você mandou onda atrás de onda para destruir Ifé! — respondo, com desprezo em minha voz.

Obatalá criou terra em meio às águas de Olocum e deu vida aos humanos. Mas ele não consultou Olocum, que se revoltou contra a redução de seu reino e a crescente falta de adoração. Espreitando nas profundezas, o orixá se tornou perverso pelo despeito e pela inveja, até que tentou acabar com a terra e com seu povo usando o mar.

— Obatalá precisou te acorrentar para salvar a humanidade. Você não tem paciência alguma. Você não se importa. E está aqui por causa do que fez! — Eu o encaro, dominada pela frustração. Uma parte de mim costumava sentir compaixão por Olocum, banido para as profundezas, mas sua vaidade é exaustiva. — Valeu a pena? Sentir o peso da água sobre nós? Uma vida sem luz do sol, o frio angustiante que penetra seus ossos? — Eu nunca tinha falado assim, e me preparo para um ataque da fúria dele, cerrando meus punhos.

O farfalhar da água é o único ruído na câmara. Encaro Olocum de um jeito que nunca tinha feito, meu coração acelerado.

— Você fez sua escolha, e agora ousa reclamar? — A voz de Olocum é baixa, cheia de ameaça. Ele fecha o leque bruscamente e nada na minha direção, um olhar frio enquanto a água faz pressão contra nós. — Me diga, eu te forcei a vir até estas profundezas? — Eu encaro o orixá, engolindo mais palavras, meus ombros tremendo. — Você me ofereceu os seus serviços. Eu não exigi isso de você, Mami Wata. — As palavras dele são suaves, serpenteando pela água como fitas. — A raiva e a pena que você sente são de si mesma. Lembre-se disso e demonstre *respeito*.

Sua última palavra me atinge. Olocum manteve sua promessa de ajudar a prender Exu, salvando, assim, aqueles com quem me importo. Isso merece minha estima, mesmo que suas ações passadas não mereçam.

— Além disso... — Olocum nada perto o suficiente de mim para que eu identifique a curvatura de seu cabelo cacheado curto. — Não estou demonstrando compaixão agora?

Meus ombros caem e sinto minha coluna se curvar mais uma vez. Penso no que é esperado de mim e assinto. Meus sentimentos não importam — precisamos fazer o que deve ser feito. *Eu* preciso fazer o que deve ser feito.

— Vamos atribuir essa explosão ao cansaço e ao frio — diz Olocum, balançando a corrente atrás de si. Os olhos dele estão fechados, qualquer sinal de desprazer consumido pelos tons de prata e pelo preto. — Venha.

Os últimos resquícios da minha raiva dissipam quando Olocum se vira para partir, sua cauda roxa se movendo em um sinuoso gingado. Atrás do trono há outro túnel e, sacudindo sua barbatana, Olocum desaparece lá dentro. Rapidamente, eu o sigo.

A passagem se abre para várias outras, algumas para áreas que nunca tinha visto. Logo estamos do lado de fora e nadando até águas mais tênues, a profundidade frígida trazendo uma dormência que se infiltra dentro de mim. Olocum dispara para cima, afastando-se do azul-escuro, nadando rente ao recife. A corrente dourada deixa um rasto em sua subida, parecendo infinita, mas nunca longa o bastante para deixá-lo alcançar a superfície. Eu sigo o reluzir do metal, nadando mais rápido, meu peito ficando apertado a cada movimento que faço.

Estamos perto.

Olocum não olha para mim, então não vê o brilho das lágrimas, mas quando nado perto dele, consigo ver seus lábios pressionados, o queixo erguido.

— Tem... mais. Sei disso pelo que as lulas me contaram. — As palavras de Olocum são amortecidas pela água aveludada de tom índigo.

Fecho os olhos e assinto uma vez, e então dou um impulso para cima, alcançando o orixá enquanto subimos ao topo do recife.

Diante de nós, o túmulo se alarga. A curva em meia-lua do lodo pálido se estende até onde consigo ver, sua superfície abarrotada de cumes variando do tamanho de uma baleia a trechos menores do que eu. Engulo

em seco, meu coração batendo mais rápido quando percebo os novos corpos.

Todos aqueles que morrem no mar terminam aqui no Reino de Olocum.

— Outro navio òyìnbó? — pergunto baixinho, forçando as palavras a saírem pelo nó na minha garganta.

Olocum continua observando as pessoas que vieram descansar em seu reino. Ele assente devagar com sua grande cabeça, balançando a barbatana da cauda na água. Juntos, pegamos o lodo do fundo do oceano, cobrindo cada mão, cada pé, espalhando areia em cada boca aberta e olhos que já não enxergam mais. Enterrando as pessoas que foram tomadas, que não conseguiram sobreviver. Eu cubro seus peitos com túnicas, tocando bochechas com cicatrizes e cabelos emaranhados. Choro enquanto abrimos novos túmulos. Isso sempre me dilacera, e a dor sempre aumenta até eu não aguentar mais.

Assim que terminamos, voltamos ao recife, em silêncio, nossos olhares varrendo os mortos. Minhas mãos estão fechadas em punhos, as unhas afundando nas palmas, cortando minha pele. Isso cria pequenas feridas em forma de meia-lua e faz com que o sangue flua, mas se dissolve instantaneamente.

— Antes, você e suas irmãs recolhiam as almas deles, e eu orava por cima dos corpos que enterrava. — Os olhos de Olocum estão fixos no azul da safira pendurada em meu pescoço, e ele fala baixo. — Agora nós os enterramos e oramos juntos. — Ele estica a mão para mim. — Mantendo seus restos seguros e os abençoando. Sei que é um fardo pesado para carregar, mas seu serviço e as orações que acrescenta são uma honra para os mortos, Mami Wata. É algo especial. Fico contente por poder oferecer isso a eles, não apenas ações e palavras de um orixá que busca redenção.

Eu encaro sua grande palma, com as linhas marrons esmaecidas. Minha raiva se esvai, substituída pela melancolia que agora me acompanha em todo lugar. Toco os dedos dele, entrelaçando carne e osso, permitindo que ele me puxe para perto. Sou grata por poder oferecer as últimas palavras para aquelas pessoas sequestradas, por podermos dar mais dignidade a elas.

— *A ɛ ẹ́rì nípa pé a rí ibi à ti sùn yín, a dẹ ɛ iwúre pé kí ìrìn àjò yín sí òdò Olódùmarè jẹ ìrìn àjò ibùkún.* — Olhamos para baixo juntos enquanto

a oração flui por nossos lábios. — *Ara yín á tún áyé wá; èmi yín á sì jé òkan pèlú àwọn alálè. Pèlú àwọn òrò wòn yí, a gbée yín pọn. A ò sì ní gbàgbé ìgbésí aiyé yín.*

Não choro mais. Em vez disso, tento pensar nas vidas que tiveram e na paz que agora têm.

— Somos testemunhas de seu último lugar de repouso, e acrescentamos nossas bênçãos a sua jornada até seu lar em Olodumarê — murmuro de novo quando Olocum solta minha mão. — Seu corpo retornará ao mundo e seu espírito será um com os ancestrais. Com essas palavras, nós honramos vocês e honramos sua vida. Sua morte não será esquecida.

O orixá encara os montes, grandes e pequenos, antes de se virar, a cauda o impulsionando pela escuridão. Não o sigo — a esta altura, já sei que ele não vai falar. Ele vai meditar sobre as vidas perdidas que as marés trazem para seu reino.

Fecho os olhos e tento acalmar minhas mãos trêmulas. Ainda assim, não consigo impedir a escuridão que pulsa contra minhas pálpebras fechadas. Ajudei a enterrá-los, entoei a prece, mas, se eu não sentir esta dor, quem sentirá? Penso em como eu poderia ter estado em um desses túmulos se Iemanjá não tivesse me transformado. Apesar do anseio de ser humana, foi me dada outra chance de um tipo diferente de vida. Pelo qual ainda devo ser grata.

Abraço meu próprio corpo, mas estou com frio demais para poder me consolar. Em vez disso, aperto a joia do meu colar e penso nas almas das pessoas que recolhi. Aqueles fios dourados e prateados de vida, suas lembranças, ecos de suas alegrias. Imagino suas almas se erguendo do lodo, limpando a areia do que sobrou das túnicas estampadas, de dentro dos seus ouvidos e de seus cabelos pretos. Eles olharão em volta, para as pesadas camadas de água acima e a bocarra da profundidade um pouco além do Reino de Olocum, e irão se perguntar o que aconteceu, onde estão. E então o entendimento os esmagará — sua vida, sua morte —, e quando acharem que não podem aguentar, os fantasmas vão encarar os corpos que enterramos. Alguns irão sucumbir ao desespero, enquanto outros cerrarão punhos com fraqueza, batendo-os contra o peito que não se move mais, pressionando a mão contra os corações que pararam de bater. Uma fúria sentida até mesmo além da vida.

Pressiono os lábios formando uma linha. Mentalizarei para que os fantasmas sigam suas almas e retornem para casa, para aceitarem o acolhimento de Olodumarê. Envio minhas desculpas para eles, pressionando minha mão no peito, com os dedos espalmados sobre um coração que ainda bate, mesmo que pareça despedaçado e partido pela perda.

Então a água se move em uma corrente repentina. O medo, rápido como uma serpente marinha, surge. Eu me balanço, com relances de fantasmas ainda surgindo em minha visão, quando pequenos dedos gelados seguram meu pulso.

CAPÍTULO 2

Abro os olhos e vejo a mão de alguém segurando meu braço, minha pele sendo apertada por dedos esguios e negros. A primeira coisa que penso é que os fantasmas, de alguma forma, reivindicaram a vida e vieram me avisar que ainda estão aqui. Meu coração para com o aperto forte, e então ergo a cabeça e vejo não uma assombração, mas uma auréola de cabelo preto e bochechas rechonchudas.

Folasade. A safira em seu colar brilha em um azul gélido, combinando com a que tenho em meu pescoço, um sinal de que sou uma em sete.

Respiro com alívio, mas ainda sinto um aperto no peito. Puxando-a para perto, eu a abraço, e agora sou eu que aperto sua pele fria, as pontas macias de seus cachos pretos deslizando em minha testa.

— Folasade — digo, segurando-a com força para poder sentir as batidas do seu coração contra o meu.

Eu a abraço, mantendo-a bem perto de mim, ainda tentando entender por que ela está aqui. E então a alegria é interrompida por uma onda repentina de nervosismo.

Folasade não deveria estar nas profundezas.

Depois que Iemanjá saiu do rio Ogum para seguir as primeiras pessoas sequestradas pelo oceano, ela entrou em trégua com Olocum — ela recolheria as almas para levá-las de volta para casa e ele honraria os corpos, fazendo as últimas orações em homenagem a carne e osso dessas pessoas e demonstrando respeito no último lugar de repouso delas. Cada orixá designou seu território: Iemanjá ficou com a parte de cima do mar, e Olocum, com a parte mais funda. Já que Olocum não tinha escolha, uma vez que estava acorrentado às profundezas escuras, ele era inflexível em relação a Iemanjá — e, por extensão, sobre as Mami Wata — não invadir a Terra dos Mortos.

Eu arrisquei sofrer com a ira de Olocum quando busquei sua ajuda para derrotar Exu. Agora estou pagando o preço na escuridão fria, e Folasade me seguiu até aqui.

— Simidele, estou feliz por ter te encontrado. — Ela se afasta e consegue abrir um sorriso para mim. Uma inquietação enruga os cantos de sua boca conforme ela me observa. — Está tudo bem? Você parece...

Mas Folasade não termina, não é necessário. Sei o que as semanas e meses fizeram comigo. Minha pele está opaca e minha coluna está curvada, carregando a saudade da superfície. Da luz, do ar quente, das ondas com cristas brancas. De Iemanjá e das outras Mami Wata.

De Kola.

Meu coração se dilacera ao pensar nele, ao me lembrar do cheiro do sabão preto e do tom marrom-rosado do seu lábio inferior. Faz tanto tempo, mas ainda consigo me lembrar do rosto de Kola, dos traços das suas maçãs do rosto e da sensação de sua pele macia sob as palmas das minhas mãos. Uma dor se espalha por mim quando me lembro da pureza das espirais douradas de sua alma, rodopiando de volta para seu corpo depois que minhas orações e o poder dos gêmeos a trouxeram de volta.

Em momentos como esse, parece que não há espaço dentro de mim para nada mais além dele. Lembranças das ruguinhas ao redor de seus olhos quando sorria, o jeito que franzia a testa quando achava que meus pés estavam doendo. Possibilidades do que poderia ter acontecido.

Mas essas são formas cruéis de me castigar. Mesmo se eu não tivesse trocado minha liberdade pelo Reino de Olocum, as Mami Wata não podem ficar com humanos. Levo as mãos ao rosto, pressionando os dedos frios em minhas bochechas.

— Simi?

Folasade me olha intensamente, com rugas de preocupação se formando entre suas sobrancelhas.

Concentre-se no presente, digo a mim mesma, abaixando a mão e afastando as lembranças de Kola, sabendo que elas voltarão aos montes. Sempre voltam.

— Por que está aqui, Folasade? — sussurro.

Olho ao nosso redor, procurando as luzes penduradas de peixes-diabos ou lulas gigantes com membros grandes o bastante para chegarem à

superfície se quiserem. Qualquer um deles iria até Olocum para contar sobre a intrusa.

Folasade aperta minha mão, com um sorrisinho tremendo em seus lábios. Penso em como ela deveria me dar um sermão sobre os hábitos das Mami Wata, tão devota em suas maneiras de servir a Iemanjá. Ela não deveria estar aqui, penso de novo. Não só por ser perigoso para ela, mas também porque teria sido mais fácil se ela não tivesse vindo, me fazendo lembrar o que sou. O que eu era antes. Teria sido mais fácil se eu não tivesse visto nenhuma Mami Wata.

— Vim ver como você está. — Folasade se aproxima, mas suas palavras vacilam, e entendo que tem algo a mais. Há medo nos tensos olhares de relance que ela dá, na forma como seus ombros estão curvados e nas pequenas ranhuras entre suas sobrancelhas. — Iemanjá está preocupada. Todas nós estamos.

Tento sorrir, mas acabo fazendo uma careta. Eu deveria dizer para Folasade ir embora agora, mas a parte egoísta em mim, a parte solitária, não quer. Em vez disso, eu seguro a mão dela, puxando-a junto comigo, nadando rápido sobre o cume do recife.

— Venha — falo.

Folasade aperta minha mão com força quando vê as tumbas de lodo e areia, e consigo sentir seu corpo curvado, sua cabeça virada enquanto ela mantém os mortos à vista até nadarmos para baixo, nos aprofundando nas águas.

A cor do mar muda quando a corrente nos alcança, seus redemoinhos gelados nos empurrando para baixo, para a parte mais escura da água. Eu relaxo em meio ao impulso, me segurando a Folasade enquanto repousamos na areia fria com um baque suave.

— Olocum vai descansar depois das orações — digo. As marés pretas estão prestes a consumir os naufrágios, mas sei onde as madeiras podres estão e, usando os declives do leito do mar e as formas familiares das rochas para nos guiar, eu a levo até lá. — E mesmo que não descanse, aqui é o último lugar que ele viria.

Existem certos lembretes da humanidade que Olocum não gosta, e qualquer evidência da presunção de tentar reivindicar uma partezinha sequer do mar faz o humor dele ficar mais obscuro do que as profundezas. Ele odeia as embarcações òyìnbó mais do que todas, e xingamentos saem

com raiva de seus lábios retorcidos sempre que aparecem novas. Navios de estrangeiros que vêm de outras terras para saquearem as nossas, semeando discórdia e sequestrando pessoas, tratadas de maneira pior do que animais. O número de naufrágios cresceu nos últimos tempos. Se tem algum com pessoas sequestradas dentro, o orixá recupera seus corpos e os leva para as areias do cemitério. Mas Olocum gosta de deixar os òyìnbó apodrecendo, seus esqueletos lentamente ficando brancos com o revirar das marés. Com isso, eu me regozijo. É tudo o que eles merecem.

Os destroços estão caídos de lado, com um mastro se inclinando em direção à escuridão, e o outro, perdido, levado pelas correntes para outros reinos. Os trapos do que antes formavam uma vela branca ondulam na água, e um buraco irregular no casco tem um tom de preto mais escuro, como uma grande boca de obsidiana. A raiva borbulha dentro de mim, a única coisa quente em águas profundas tão geladas. Como podem tratar pessoas dessa forma? Negar-lhes a humanidade, tratá-las como se fossem especiarias e tecidos, e então descartar seus corpos como se não passassem de bens indesejados? Mesmo quando nossos reinos entram em guerra, qualquer pessoa capturada ainda é... *uma pessoa*.

Eu afundo até o leito do mar, chegando até o buraco aberto no navio. Na primeira vez que vim ao porão, os grilhões pesados e aposentos apertados me lembraram não só da dor e do medo que as outras pessoas sentiram, mas dos meus a bordo de um navio assim. Uma fúria sombria me tomou por dentro, e eu arranquei os contentores de ferro da madeira podre.

O porão agora está sem nada além de barris, nozes-de-cola, pimenta e cúrcuma armazenadas que se dissolveram há muito tempo. Um toque em meu pulso me lembra de que Folasade ainda está me seguindo e, juntas, nadamos para dentro, tomando cuidado para não deixar farpas pontudas perfurarem nossa pele. Nadamos rente ao convés vazio e vamos direto à única porta que ainda resta, com suas dobradiças de latão agora frouxas, uma pátina verde substituindo seu brilho. Com os dedos, envolvo a maçaneta fria, puxando até que a porta podre se abra permitindo que passemos por ela.

O mesmo musgo luminoso está grudado nas ripas do chão e das paredes, clareando o bastante para vermos a opulência da cabine do capitão. Cortinas escuras e brocadas balançam gentilmente na água. No

fundo há uma grande janela despedaçada, antes dando acesso ao horizonte, agora enterrada fundo na areia e no leito de rochas. Passo por uma mesa virada de lado, com as pernas entalhadas à mostra, flutuando perto da cadeira. Meus dedos roçam no espaldar, movimentando os pedaços da seda quase se desintegrando.

Não há ossos aqui, nenhum lembrete do òyìnbó que um dia comandou este navio. Sempre me pergunto quem foi o capitão, como a consciência dele permitiu que colocasse pessoas no mesmo patamar que especiarias e marfim.

Folasade olha em volta, observando o aposento, um pequeno nicho ao lado da cabine. Lascas pálidas de cortinas escurecem o palete com calombos, mas os lençóis retorcidos podem ser vistos, presos pelo peso de um par de longas botas de couro, agora cobertas por líquen. Folasade estremece e se vira para que fiquemos cara a cara.

— Este é o único lugar onde Olocum não vai te encontrar — digo, com a voz cansada.

Folasade não responde, mas dá uma olhada em mim quando se aproxima, observando a pequena pérola no meu cabelo. Ela examina o orbe cintilante antes de fechar o punho em volta dele.

— Iemanjá está preocupada. Vim ver como você está.

— Eu estou... bem. — Preciso estar, penso enquanto afastos os cachos que flutuam na frente do meu rosto. — Diga a ela que não precisa se preocupar. Foi uma escolha minha e vou honrá-la.

Paro, arrancando uma tira do tecido da cadeira e me lembrando do abraço forte de Iemanjá, da curva de seu sorriso.

— Como você chegou a esse... acordo com Olocum?

Folasade inclina a cabeça para o lado enquanto me examina.

— Como eu poderia prender Exu? Não sou poderosa o bastante para fazer isso. Foi tudo o que consegui pensar quando estávamos indo para a ilha dele. — Nado até o fundo da cabine. — Vi a localização de Olocum em um mapa nas paredes do babalaô.

— E pediu a ajuda dele?

— Olocum estava furioso por ter sido deixado nas profundezas. Exu não tinha repassado nenhuma das mensagens de arrependimento de Olocum a Olodumarê. — Olho para fora da janela quebrada e imagino as paisagens que um dia passaram por ali. O amanhecer. O primeiro brilho da

luz delicada que salpica a pele e doura o mundo. A hora do dia que mais sinto falta. Suspiro e me viro. Minha vida aqui não é pautada pelo nascer e pelo pôr do sol. Tudo que me resta são as marés para medir os dias e as semanas. — Ele concordou em me ajudar se eu o ajudasse a carregar o fardo de enterrar os mortos.

— E você aceitou. — Folasade faz uma careta para mim, suas sobrancelhas grossas franzidas sobre seus olhos castanhos. — Olocum tentou afogar a humanidade. E agora você está aqui embaixo com ele.

Penso na escuridão e no frio cortante. Não quero que Folasade ou qualquer outra das Mami Wata se preocupe ainda mais comigo. Empurrando os ombros para trás, sustento o olhar de Folasade.

— Olocum está honrando sua trégua com Iemanjá, e eu estou honrando minha barganha com ele — digo. — Nós enterramos os mortos e realizamos as últimas orações para eles.

— Claro. — Folasade segura a cadeira diante de si com força, me encarando. — Mas se é redenção que ele procura, apenas Obatalá pode absolvê-lo.

— Eu sei.

Folasade ainda me observa, mas eu desvio o olhar. É inútil falar sobre o que já havia sido acordado. Quando prometi para Olocum que o serviria em troca de sua ajuda para derrotar Exu, era a coisa certa a se fazer.

É a coisa certa a se fazer.

Se Olocum não tivesse me ajudado a prender Exu, então esse trapaceiro teria ganhado mais poder, usando-o para controlar os orixás e a humanidade inteira, fazendo com que eles se curvassem às suas vontades.

— O que a mãe Iemanjá acha? Sobre eu estar aqui?

Essa é uma pergunta que tenho feito a mim mesma, e meu estômago se retorce enquanto falo em voz alta. A orixá pensa que eu a traí de novo?

Folasade coloca a pérola de volta em meus cachos, tocando minha bochecha com os dedos.

— Ela lamenta por você. — Assinto, sentindo o pesar recair sobre mim. — Você sabe que ela admira sua bravura e sacrifício. Ela só queria que...

— O quê? — pergunto, tentando ignorar as batidas do meu coração que sobem até a garganta. — O que ela queria?

— Que as coisas tivessem sido diferentes. — Folasade toca minha clavícula com as pontas dos dedos, sustentando meu olhar. — Ela se

preocupa com a dor da sua escolha. Com a escuridão na qual você vive. E eu também me preocupo.

Eu me afasto, levando um momento para afastar as lágrimas, pensando no olhar resolutivo e cortante de Iemanjá. Na ferocidade do amor dela ao criar as Mami Wata, e na devoção e cuidado que ela demonstra pela humanidade.

— Ela diz que compreende sua escolha. Que você sempre será filha dela. Não importa o que aconteça. — Folasade se aproxima de mim, com suas escamas violeta-azuladas. — Ela me pediu para dizer que ela espera que um dia você seja capaz de voltar para nós.

— Pensei que ela pudesse estar brava — sussurro.

Levo a mão ao coração, o alívio me inundando.

Folasade nega com a cabeça.

— A mãe Iemanjá está furiosa apenas por te perder. — Ela espia pela janela vazia, estremeando. — Mas aqui não é o seu lugar. Você não foi feita para enterros e para orar sobre corpos. — Folasade faz um biquinho quando me encara de novo, se inclinando para a frente, segurando a safira em volta do meu pescoço, que combina com a dela, que todas as sete Mami Wata usam. — Você deveria estar conosco, recolhendo almas.

Afasto o colar da mão dela.

— Você acha que eu não sei disso? Eu queria ainda poder ver o sol, a mãe Iemanjá... — Minha voz vacila e eu paro por um momento, o tremor no meu peito fazendo mais palavras saírem. — Não tive outra escolha a não ser procurar a ajuda de Olocum, Folasade. Kola teria morrido. Bem, os gêmeos, todos em Okô...

— Assim como não teve escolha quando salvou Kola no mar?

Recuo, sibilando como se ela tivesse me queimado. Ela poderia muito bem ter feito.

— Eu nunca teria deixado ninguém morrer! Não se a pessoa pudesse ser salva.

O silêncio cresce entre nós. Minha explosão é engolida pela escuridão dos destroços, mas ainda não consigo olhar para Folasade.

— Sei que queria ajudar — diz Folasade, finalmente, com a voz mais suave. — Sei que fez o que achou que era melhor, mas...

— Não! — exclamo. — Desculpa se não sou capaz de fazer aquilo que Iemanjá me criou para fazer, mas ela ainda tem mais seis. Não vou deixar

que vocês me façam sentir culpa. Não depois de tudo o que fiz e do que abri mão. É uma pena que Iemanjá entenda e você não. — Passando por ela, abro a porta bruscamente, trêmula por conta do sofrimento que costumo manter cuidadosamente escondido. — Se você veio aqui só para falar tudo o que fiz de errado, então acho melhor que você vá embora.

Enquanto nado pelo buraco irregular, as pontas das farpas cortam meu ombro. Me encolho, mas o arranhão leva poucos segundos para curar, e então disparo pela água, me impulsionando em direção ao recife.

— Simidele! Espera! — chama Folasade atrás de mim. — Me desculpa. Eu vim em nome de Iemanjá...

Mas não escuto. Os meses que passei nas profundezas do mar recaem sobre mim, e pressiono a mão contra meu peito, sentindo as batidas do meu coração. Ver Folasade foi um alívio bem-vindo, mas agora sua presença e seu criticismo moldam a dor que se espalha por meu peito. Preciso me afastar. Das profundezas e das lembranças dos meus fracassos. Nado com força contra uma corrente repentina, para cima, chegando ao topo da barreira de rochas em um movimento suave. Afasto pensamentos sobre Olocum e as repercussões de chegar tão perto dos limites de seu reino, e vou mais além do que já fui antes, deixando o frio e a escuridão para trás. Se eu puder apenas ver o azul mais claro, até mesmo a ilusão do sol...

Preciso ver luz.

Disparo pelo mar sentindo como se meu peito fosse explodir. A crista das ondas está à vista, os pináculos do sol desfigurado pelo mar, bem na hora que Folasade segura meu braço. Ela me puxa para me impedir, me girando para encará-la, meus cachos escurecendo a água entre nós. Eu os afasto, tirando meu cabelo do caminho, virando a cabeça na direção do ponto onde a água é mais clara, mais quente. Está tão perto.

— Simidele, por favor. Fui enviada para te perguntar...

Um estrondo a interrompe, e a mão de Folasade escorrega da minha pele enquanto olhamos para as camadas de água acima de nós. A superfície foi rompida, e formas grandes e pequenas furam as ondas. Lascas de madeira se afundam nas águas mais profundas, seguidas por corpos enroscados e trilhas de sangue. Homens, com as mãos em garras e membros parados pela morte, afundando devagar, cercados pela corrente.

O oceano rodopia em volta deles, os arrastando para baixo, recepcionando seus corpos.

Eu avanço, o estômago revirando ao ver as túnicas manchadas que não protegeram os homens que as vestiam, as feridas mergulhadas em carmim e os olhos cegos.

Uma nuvem de sangue se espalha pelo mar. Pontas escuras de madeira continuam a cair, deixando o porão quebrado lá em cima, com os restos de um navio que viu a guerra e a morte.

Ergo a cabeça quando a embarcação começa sua descida inevitável, meu coração se apertando com a lembrança que isso traz. A inundação de vidas perdidas e o clarão da morte com sua mancha roseada. Estico a mão para cima e pauso por um momento.

Estão todos mortos. Mas não é mais minha tarefa recolher suas almas, levá-los para serem abençoados por Iemanjá antes de libertá-los para o Criador Supremo. Olho para Folasade, para sua expressão e sua boca retorcida, seu rosto ecoando o horror que sinto. Ela dispara para a frente, com as mãos esticadas, olhando rapidamente para o homem mais próximo. O corte de uma ferida de flecha em sua garganta mostra como ele perdeu a vida. O cabelo dele ondula na água, os cachos soltos das séries de tranças que seguem a curva de sua cabeça.

Folasade se vira para mim, com os olhos arregalados e as mãos tremendo.

— São muitos.

Quando um homem afunda para mais perto, eu a puxo para longe dele e para mais perto de mim.

— Espera, olha.

Seu peitoral brilha na luz fraca, mas ainda conseguimos distinguir os símbolos estampados no couro. Oito cortes marcados por círculos concêntricos em cima, cada espiral representando um senhor da guerra diferente, o emblema dos únicos guerreiros que podem se comparar com os orixás.

Icu, Arún, Ofó, Égba, Oran, Epê, Ewon e Esè.

— Os ajogun — balbucio.

CAPÍTULO 3

Folasade recua para longe dos mortos, permitindo que eu a puxe para trás, se distanciando dos homens que claramente prometeram lealdade aos oito demônios chefes senhores das guerras. De perda, doença a tormento, os antideuses são responsáveis por aflições diferentes, todas causando desarmonia na terra e com a intenção de arruinar a humanidade. Icu, assim como a Morte, vaga livremente, mas os outros são mantidos em seus reinos obscuros para que não causem o fim do mundo.

Folasade tenta se retorcer para longe de mim enquanto a seguro com força, afundando as pontas dos meus dedos na pele dela. Eu nunca tinha visto alguém que idolatra os ajogun tão de perto, e as batidas do meu coração pulsam nos meus ouvidos. Ver tal promessa de adoração, marcada de forma tão exposta, me assusta mais do que passar o resto da minha vida no frio e na escuridão. Algumas pessoas escolhem as sombras, mas nem sempre exibem isso. Aqueles que se submetem aos ajogun não podem ser abençoados, suas almas secas são deixadas sem serem recolhidas. Estremeço quando penso em uma alma não voltando para casa.

— Quem os matou? — pergunto.

Olhando para o mar acima de nós, observamos os fragmentos do navio deles deslizar pelas ondas, atrás dos corpos que descem até a parte mais turva da água. Com um impulso de minha cauda, me atiro para cima, mas sou puxada de volta por Folasade.

— Simidele, não. É perigoso demais.

Olho para a mão dela firme ao redor do meu braço e a afasto. A presença de homens venerando os ajogun... isso revira minhas entranhas. Não parece certo. Além do mais, penso enquanto observo a água rapidamente procurando o movimento das lulas, se eu for depressa o bastante, ninguém vai saber. Estou ligada a Olocum apenas pela minha palavra. Eu voltarei.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A alma do oceano"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).